

OS TEMPOS VERBAIS NO GÊNERO CONTO POPULAR EM PRODUÇÕES TEXTUAIS DE 6º ANO¹

THE VERB TENSES IN THE FOLKTALE GENRE IN TEXT PRODUCTIONS OF THE SIXTH GRADE

Flávia Cristina Candido de Oliveira²

Resumo: *A pesquisa ora em foco tem como objetivo analisar o uso dos tempos verbais em produções textuais de alunos de 6º ano do ensino fundamental II, no gênero conto popular. Para isso, inicialmente, comparou-se as propostas de Adam e de Bronckart, no sentido de identificar e analisar, através dessas propostas, as categorias de análise acerca dos tempos verbais estudados por esses teóricos. O corpus da pesquisa é constituído de quarenta e duas produções textuais de alunos oriundos de uma escola privada em Fortaleza. Cada aluno participante da pesquisa produziu dois textos, uma produção inicial (PI) e uma produção final (PF) e, como metodologia, utilizou-se a Sequência Didática de Schneuwly; Dolz (2004). Tomou-se por base, inicialmente, para a compreensão dos tempos da narrativa, estudos anteriores de dois renomados teóricos – Benveniste (2005) e Weinrich (1968) –, porém este trabalho delinea-se à luz de Adam (1997; 2008) e de Bronckart (2007). A análise dos dados revelou que os discentes constroem o texto narrativo utilizando-se dos tempos verbais adequados – pretérito perfeito e pretérito imperfeito, embora não compreendam ou desconheçam, quando se trata do texto escrito, que esses tempos podem ser utilizados em outros gêneros de natureza narrativa.*

Palavras-chave: *Tempos verbais; Gênero de natureza narrativa; Prosa escolar.*

Abstract: *This research has the objective of analyzing the use of the verb tenses in textual productions of students from the sixth grade of primary school II, in the folktale genre. For this purpose, initially, the proposals of Adam and Bronckart were compared, aiming at the identification and analysis of the analysis categories about the verb tenses that both theorists study. The research corpus consisted of forty-two textual productions from students of a private school in Fortaleza. Each participating student produced two texts: an initial production (IP) and a final production (FP). The methodology employed was the Didactic Sequence proposed by Schneuwly and Dolz (2004). Initially, in order to comprehend the narrative times, previous studies of two prominent theorists – Benveniste (2005) and Weinrich (1968) – were taken as basis. However, this research was outlined in the light of the theories of Adam (1997; 2008) and Bronckart (2007). The analysis of the data reveal that the students construct narrative texts using the appropriate verb tenses - in the past -, although they seem not to comprehend or not to know that, in written texts, these tenses can also be used in other narrative genres.*

Keywords: *Verbs tens; Genre of narrative nature; Scholar prose.*

1 Introdução

O interesse em estudar o uso dos tempos verbais na narrativa surgiu diante das dificuldades verificadas nas produções textuais dos alunos de ensino fundamental II e da didática utilizada pelos professores para a orientação dessas produções. Esses tempos

¹ Este trabalho foi apresentado em comunicação individual no VI Simpósio Internacional de Gêneros Textuais, realizado de 16 a 19 de agosto, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Brasil. O resumo do trabalho foi publicado nos anais do referido evento.

² Docente da rede pública estadual e municipal de ensino (SEDUC-CE). Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Fortaleza, Brasil, e-mail: flavia_cristina2003@yahoo.com.br

constituem-se em um importante mecanismo na construção da sequência narrativa porque permitem ao produtor do texto compor uma história, com determinados tempos verbais, que conferem ao texto o caráter de um “mundo criado” ou de um acontecimento real. Os alunos apreendem a estrutura dos tempos verbais, mas desconhecem, ignoram, a aspectualidade que também contribui para o desenvolvimento da narrativa. Em razão disso, fez-se necessário um estudo de questões relativas ao tema que trabalhassem com abordagens apropriadas. Para isso, pautamo-nos nos estudos de dois importantes teóricos – Benveniste (2005)³ e Weinrich (1968) – além das concepções de Adam (1997; 2008) e de Bronckart (2007), que também os tomam por base.

O objetivo desse artigo é, então, analisar o uso dos tempos verbais nas produções textuais dos alunos de 6º ano, no gênero conto popular, tendo como respaldo teórico as propostas retiradas dos autores citados. Além de identificar semelhanças em ambas as propostas estudadas por esses teóricos, tais como: universo diegético e diegese, diegetização autônoma e narração, tempos verbais da narrativa e tempos verbais da narração; complementando com a proposta de Bronckart (2007) acerca de contraste global – primeiro plano e segundo plano, referência temporal – isocrônica, retroativa e projetiva. Nossa hipótese é a de que a não apropriação dos tempos verbais da narrativa, ora por não compreenderem ora por desconhecerem, leva o aluno a não produzir adequadamente gêneros de natureza narrativa como o conto popular. A fim de compreendermos como se dá o uso desses tempos verbais da narrativa na prosa escolar, selecionamos um *corpus* de quarenta e duas (42) produções textuais de discentes do 6º ano – após um trabalho de três semanas com a turma – que foi realizado sob a forma de uma sequência didática, respaldados teoricamente em Schneuwly; Dolz (2004). Para a coleta desse *corpus*, cada aluno participante da pesquisa produziu dois textos, uma produção inicial (PI) e uma produção final (PF). Os resultados demonstram a predominância do pretérito perfeito e imperfeito, além da presença de outros tempos verbais que necessariamente não são próprios da narrativa. A partir desses resultados, observamos que o aluno constrói o texto narrativo utilizando-se dos tempos verbais adequados, mas não compreende – quando se trata do texto escrito – que esses tempos podem ser utilizados em outros gêneros de natureza narrativa.

³ A obra original tem como título *Problèmes de linguistique générale*, publicada em 1966, mas nos reportamos à edição de 2005, cujo título é *Problemas de linguística geral I*.

2 A enunciação histórica e a enunciação do discurso

Segundo Benveniste (2005, p. 260), “o conjunto das formas pessoais do verbo francês é tradicionalmente distribuído entre certo número de paradigmas temporais denominados presente, imperfeito, passado definido, etc.”, que são divididos em três categorias de tempo: presente, passado e futuro. O paradigma gramatical, segundo o autor, é entendido, tradicionalmente, como pertencente à mesma conjugação por todas as formas verbais serem formadas por um mesmo tema, ou seja, por seu caráter morfológico. Porém, a organização dos tempos verbais depende de um sistema que se distribui em dois planos de enunciação distintos e cada um deles compreende apenas uma parte dos tempos do verbo, mas todos estão em uso concorrente e permanecem disponíveis para o locutor. O estudo sobre verbos em francês apresenta dois planos da enunciação denominados *enunciação histórica* e *enunciação de discurso*.

A enunciação histórica caracteriza a narrativa dos acontecimentos passados e está reservada à língua escrita. Segundo Benveniste (2005, p. 262), “trata-se da apresentação dos fatos sobrevividos a um certo momento do tempo, sem nenhuma intervenção do locutor da narrativa.” O historiador não se utiliza das pessoas EU e TU, porque a narrativa histórica é, estritamente, desenvolvida sob as formas da terceira pessoa. No plano da enunciação histórica, admitem-se os seguintes tempos: o aoristo⁴, o imperfeito, o mais-que-perfeito e o prospectivo – um tempo perifrástico substituto do futuro. Benveniste (2005, p. 267) afirma que “os acontecimentos são apresentados como se produziram, à medida que aparecem no horizonte da história. Ninguém fala aqui; os acontecimentos parecem narrar-se a si mesmos. O tempo fundamental é o aoristo, que é o tempo do acontecimento fora da pessoa de um narrador”.

Quando, em uma narrativa histórica, aparece um discurso ou o historiador reproduz as palavras de uma personagem e/ou ele próprio intervém para julgar os acontecimentos, passa a outro sistema temporal que é a enunciação do discurso. Emprega-se livremente no discurso todas as formas pessoais do verbo, de maneira explícita ou não, a relação de pessoa está presente em todo o texto. Como o narrador não intervém, a terceira pessoa não se opõe a nenhuma outra, ocorrendo, na realidade, uma ausência de pessoa, pois ela não apresenta o mesmo valor que a terceira pessoa da narrativa histórica. O registro dos tempos verbais é mais comum no discurso, em que se apresentando sob a forma de três tempos fundamentais –

⁴ Equivale, na língua portuguesa, ao pretérito perfeito e se apresenta na narrativa na terceira pessoa, segundo Benveniste (2005, p. 267), “é o tempo do acontecimento fora da pessoa de um narrador”.

presente, futuro e perfeito. O aoristo é uma exceção porque que é uma forma típica da história. De acordo com Benveniste (2005, p. 270), “como o presente, o perfeito pertence ao sistema linguístico do discurso, pois a marca temporal do perfeito é o momento do discurso, enquanto a marca do aoristo é o momento do acontecimento.” O discurso exclui o aoristo, mas a narrativa histórica emprega-o, retendo as formas da terceira pessoa. Como vemos a seguir, Adam (2008) constrói um quadro-esquema que caracteriza esse terceiro subsistema enunciativo de base representado deste modo:

Ordem do discurso		
Enunciação “histórica” Narração histórica Diegetização autônoma	Narração de discurso Diegetização ligada	Enunciação de discurso Interação-discussão
Ordem da narração (Diegetização)		

Quadro 01: Esquema de subsistemas enunciativos de base (ADAM, 2008, p.288).

Em algumas situações, a enunciação histórica e a do discurso podem conjugar-se num terceiro tipo de enunciação. Quando isso ocorre, o discurso é referido em termos de acontecimento e transposto para o plano histórico, comumente, é denominado de discurso indireto. Adam, no entanto, ao tratar das sequências, em especial a narrativa, acrescenta à estrutura-base elementos que visam assegurar o vínculo de proposições e seu “empacotamento” sob a forma de macroproposições constitutivas de uma dada sequência que compõe a infraestrutura de um texto.

3 O mundo narrado e o mundo comentado

Nos estudos de Weinrich (1968), os dois grupos de tempos verbais são denominados de grupo I e II. Segundo o autor, há uma “obstinação” da linguagem em colocar o morfema pessoal do verbo, porque assegura lógica ao verbo, à oração e à situação comunicativa, reproduzindo o modelo fundamental da comunicação. Weinrich (1968) posiciona-se a respeito disso afirmando que

As situações comunicativas em que atualizamos a linguagem são tão diversas como podem ser as situações da vida e nenhuma é igual a outra, porém isto não exclui a possibilidade de tentar construir sua tipologia. Esta tentativa constitui, ao mesmo tempo, uma tarefa própria da linguística, já que na linguagem não se atualiza no vazio, mas sim em situações concretas que se encontram e condicionam mutuamente “comportamentos” linguísticos e

extralinguísticos⁵. (WEINRICH, 1968, p. 62).

Essas situações comunicativas são exemplificadas pelo teórico como pedido de informação, relato de história, descrição de um objeto ou cena, a produção ou leitura de uma carta, um comentário etc. Os exemplos aqui citados são, conforme o tipo de texto, inclinados para um dos grupos que são denominados de mundos⁶ narrado e comentado. Para Weinrich (1968, p. 67), “o narrar é um comportamento característico do homem⁷”, quando um texto é narrado, empregamos parte da língua prevista para narrar e, em particular, os tempos do relato. Quanto ao mundo comentado, o falante está em tensão e seu discurso é dramático, porque trata de aspectos que lhe afetam diretamente. O falante, nessa situação, está comprometido e seu discurso é um fragmento de ação que modifica o mundo, ou seja, a situação linguística.

O mundo narrado, que nos interessa particularmente, consiste em informar a quem escuta uma comunicação, que ela é um relato. Weinrich (1968) afirma que o texto narrado encontra-se também fora da literatura, ou seja, no texto não-literário. Segundo o autor, os tempos do presente (mundo comentado) e o imperfeito (mundo narrado) não têm a função de informar se os fatos ocorreram no presente ou no passado, mas sim demonstrar a maneira de como devemos escutar. O “cantar” conjugado no presente, por exemplo, exige uma determinada postura, atitude que pode apresentar-se sob a forma de: uma opinião, uma valoração etc. Se o mesmo verbo estiver conjugado no pretérito imperfeito será do mundo narrado e não se impõe a ele que haja uma postura, conforme o anterior, sobre a história contada, pois é a situação comunicativa que a marca qualitativamente. Segundo o autor, isso ocorre, porque o mundo narrado é indiferente ao nosso tempo. Quanto à diferença entre as línguas, o espanhol e o francês, conforme o autor, elas apresentam variações nos tempos verbais da narração do imperfeito e do perfeito. Já na língua portuguesa, essa variação não ocorre, porque fazemos uso do pretérito perfeito e do imperfeito, com mais recorrência na narrativa, e do presente histórico dependendo do gênero.

⁵ Las situaciones comunicativas en las que actualizamos el lenguaje son tan diversas como puedan serlo las situaciones de la vida y ninguna es igual a otra, pero esto no excluye la posibilidad de intentar su tipología. Este intento constituye al mismo tiempo una tarea propia de la lingüística, ya que en el lenguaje no se actualiza en el vacío, sino en situaciones concretas en las que se encuentran y condicionan mutuamente “comportamientos” lingüísticos y extralingüísticos. (Tradução sob nossa responsabilidade).

⁶ Conforme o teórico, o “mundo”, do qual se trata, é um possível conteúdo de uma comunicação linguística.

⁷ El narrar es un comportamiento característico del hombre. (Tradução sob nossa responsabilidade).

4 O tempo narrado na perspectiva teórica de Jean-Michel Adam

Adam, ao explicitar em sua proposta teórica os tempos verbais, toma por base Benveniste (2005)⁸ e Weinrich (1968), que se aprofundam mais no assunto e, por isso, se complementam. Antes de lidar com os tempos verbais próprios da narrativa, abordaremos sobre a noção de universo diegético e de temporalidade na história narrada. Segundo Adam (1997), essa noção retoma os estudos de Platão e Aristóteles acerca da diegese (ou narrativa simples) e da mimese (ou imitação). A distinção motiva Platão a criar uma tripla categorização denominada de narrativo puro, de mimético puro (o teatro) e de gênero misto ou alternado (a epopeia). Aristóteles retoma essas noções e considera a representação teatral um gênero mimético e a noção de diegese é estendida aos fatos relatados pelo narrador. Adam (1997) afirma que há uma confusão terminológica, preferindo usar o termo diegese, porque mimese é, por vezes, ambíguo no sentido específico de “mundo representado” *pelo e no* texto. Ainda segundo Adam (1997, p. 38-39):

Utilizar-se-á a noção de UNIVERSO DIEGÉTICO para designar o mundo singular construído por qualquer narrativa. A noção de HISTÓRIA parece próxima, porque corresponde ao conteúdo geral de uma narrativa, abrange, ao mesmo tempo, o universo diegético e a intriga no seu desenvolvimento.

O universo diegético é construído pelo leitor/ouvinte a partir do que é dito, mas também do que é pressuposto no texto e, de acordo com o gênero, os universos diegéticos podem apresentar-se ou não no texto de forma explícita situados num tempo histórico. Conforme Adam (1997, p. 56), “distinguir-se-á, pois, um eixo do narrante (o TEXTO ou ENUNCIADO propriamente dito na sua linearidade oral ou escrito) e um eixo do narrado (a HISTÓRIA).”.

Adam (2008), tomando por base os estudos de Benveniste e Weinrich, desenvolve um aspecto de configurações preferenciais de paradigmas verbais divididos em quatro modos: a enunciação direta ou “enunciação de discurso”, a diegetização autônoma ou “enunciação histórica”, a diegetização ou narração de discurso e a enunciação de verdades gerais. Destacaremos o modo de diegetização autônoma – equivalente à enunciação histórica de Benveniste (2005) e ao mundo narrado de Weinrich (1968) – por tratarmos em nossa pesquisa de questões relativas a esse assunto. Nesse modo, a ancoragem dos acontecimentos é não-

⁸ Tomamos por base a obra consultada na pesquisa, não, necessariamente, a que Adam se utilizou ao estudar os tempos verbais.

atualizada, isto é, a trama⁹ temporal dos acontecimentos está afastada da situação de enunciação. O enunciado cria seus próprios pontos de referência internalizados ao mundo construído pelo texto e a referência temporal deve ser procurada numa dêixis classificada por Adam como secundária. O IMP, o OS¹⁰ e seus correspondentes compostos (PqP1 e PA¹¹) são tempos preferenciais desse modo de enunciação. Conforme Adam (2008), esses tempos verbais são complementados numa

[...] visada retrospectiva que se constrói, gradualmente, com a ajuda da forma perifrástica do *passé récent* formado com o IMP (*venait de* + INF); depois, com a ajuda do PqP2, cujo valor de encerrado se enfraquece em favor de um valor temporal. A visada prospectiva realiza-se com a ajuda dos verbos *aller* e *devoir* [ir e dever] no IMP e do COND¹² [...]. (ADAM, 2008, p. 293).

Os tempos verbais são marcas linguísticas extremamente importantes na construção da narrativa e criam a possibilidade de “transportar” o leitor/ouvinte para um plano de enunciação diferente do tempo real. O aoristo – termo utilizado por Benveniste (2005) – é o tempo verbal do pretérito perfeito usado na narrativa em terceira pessoa como recurso para construir a ideia de que os fatos narram-se por si mesmos. Para cada autor citado acerca desse assunto, o tempo verbal tem um papel primordial na construção desse mundo narrativo autônomo, por essa razão, encontramos nesses autores e no próximo, que será comentado no item seguinte, respaldo para compreendermos porque determinados tempos verbais funcionam com um determinado valor semântico e para desenvolvimento dos acontecimentos na narrativa.

5 O tempo do narrar na teoria de Jean-Paul Bronckart

Conforme Bronckart (2007), os tipos de discurso fazem parte da infraestrutura textual e são infraordenados relativamente à unidade comunicativa denominada de texto. Os tipos de discurso do mundo do NARRAR dividem-se em relato interativo e narração e este terá maior destaque na pesquisa por ser, em parte, nosso objetivo. Segundo Miranda (2008, p. 165-165), “os tipos de discurso traduzem operações cognitivas, mas são observáveis enquanto

⁹ Preferimos, no entanto, usar a expressão “intriga”, presente na maior parte das traduções pesquisadas por nós nesta pesquisa.

¹⁰ Esses tempos, no português, correspondem ao pretérito imperfeito do indicativo e pretérito perfeito respectivamente.

¹¹ Correspondem ao mais-que-perfeito e o pretérito perfeito compostos respectivamente.

¹² Esse tempo em português corresponde ao futuro do pretérito.

estruturas do material linguístico.” Isso nos chama atenção para fazermos uma leitura comparativa com Adam que trata, em parte, das sequências textuais também numa perspectiva cognitiva. Porém, vamos nos ater, neste item, em explicar os tempos verbais no tipo de discurso narração. Citamos dois exemplos retirados do próprio autor que ilustram o relato interativo e a narração esclarecendo a explicação, mas que não têm o caráter de uma análise profunda.

O relato interativo:

(01)

“--É... então, eu vou te explicar por cima o que é minha vida.

--Tá.

--É... eu **nasci**¹³ no correio de J.

--Em J.

--Em J. É, minha tia **era** cobradora dos correios, minha mãe era ajudante; então é, lá, bom, **tinha** um quadro de vida; meu pai **partiu** para a guerra, eu não **o conheci** porque era muito pequena; mamãe **largou** os correios nesse momento [...].” (BRONCKART, 2007, p. 174).

Constitui-se este tipo de discurso em relato interativo por apresentar, em sua estrutura, tanto verbos no pretérito perfeito e no imperfeito, organizadores temporais (advérbios, sintagmas preposicionais etc.) como anáforas (nominais e pronominais). No exemplo acima, identificamos os tempos verbais de um fato real (nasci, era, tinha, partiu, conheci, largou), ou seja, implicado em ações do mundo ordinário, e uma anáfora pronominal (pronome **o** referindo-se a pai).

A narração:

(02)

“**Um dia**¹⁴, um mágico **inventou** uma máquina de fabricar cometas. **Ela se parecia** um pouquinho com a máquina de cortar caldo¹⁵, mas, ao mesmo tempo, **era** diferente e **servia** para **fazer** todas as espécies de cometas à escolha: grandes ou pequenos, amarelos ou vermelhos, de cauda simples ou dupla, etc. [...].

Mas ninguém **queria** a máquina.

O pobre mágico jamais **ganhava** um centavo **sequer** e de, tanto pular refeições, era pele e osso. Um dia em que não **tinha** mais fome do que habitualmente, **ele transformou** a máquina de fazer cometas em um enorme pedaço de gorgonzola, que **devorou** imediatamente.” (BRONCKART, 2007, p.177).

Nesse exemplo, vemos o tipo de discurso narração com os tempos verbais do pretérito

¹³ Grifos nossos.

¹⁴ Grifos nossos.

¹⁵ Apesar de parecer estranho “máquina de cortar caldo” encontra-se assim na tradução feita por Anna Rachel Machado e Péricles Cunha na obra *Atividade de linguagem, textos e discursos*: por um interacionismo sociodiscursivo edição de 2007, e mantivemos a oração conforme escrito pelo tradutor.

perfeito e do imperfeito, tendo um papel específico na marcação de contrastes aspectuais. Além desses tempos de base, são acrescentadas formas compostas correspondentes ao mais-que-perfeito composto, futuro do pretérito e formas complexas¹⁶, organizadores temporais (advérbios e conjunções subordinativas que serão destacadas em nossa pesquisa), presença conjunta de anáforas pronominais e nominais, ausência de pronomes e adjetivos de primeira e de segunda pessoa do singular e do plural.

No texto em análise, identificamos os tempos verbais no pretérito perfeito e imperfeito (inventou, parecia, era, queria, tinha, transformou, devorou) seguido de formas complexas (**servia** para **fazer**, **ganhava** um centavo **sequer**) organizadores temporais (Um dia), anáforas pronominais (pronome **ela** referindo-se à máquina, pronome **ele** referindo-se ao mágico) todos destacados em negrito; já as anáforas nominais não foram encontradas neste exemplo. Além dos traços linguísticos, a narração é autônoma no sentido em que é um mundo a parte ao mundo ordinário e nesse exemplo com elementos de um mundo irreal (fantasioso).

O estudo dos elementos destacados acima são marcas linguísticas que demonstram, em parte, a estrutura estabilizada dos gêneros, em especial, dos gêneros do narrar. Alguns desses mecanismos de textualização, que destacamos no texto, referem-se à coesão verbal, servem para introduzir e retomar predicados ou sintagmas verbais, além de assegurar a organização temporal e/ou hierárquica dos processos. Os verbos (unidades lexicais de ação) e seus determinantes (auxiliares e flexões) contribuem, sobretudo, para a progressão do conteúdo temático. Assim se expressa Baltar (2008, p. 88):

Esses mecanismos, atribuídos com características de temporalidade, aspectualidade e de modalidade, são responsáveis pela marcação das relações de continuidade e de descontinuidade interna dos textos. As duas primeiras características: temporalidade (simultaneidade, anterioridade, posterioridade) e aspectualidade (verbos de estado, de ação contínua, de ação acabada, de realização, etc.) têm a ver mais com a progressão do conteúdo temático do texto [...].

Bronckart (2007) admite que os valores de temporalidade sejam expressos pelos determinantes dos verbos (ou tempos verbais presente, passado composto etc.) em interação com alguns subconjuntos de advérbios. Esses valores também devem ser analisados em termos de relações entre o momento da fala (ou momento de produção) e o momento do processo expresso pelo verbo em que podem ser identificadas as relações de simultaneidade entre os dois momentos (formas do presente), de anterioridade do momento do processo, em

¹⁶ Apresentam-se como auxiliar no imperfeito mais infinitivo e marcam uma relação de projeção no curso da atividade narrativa.

relação ao momento de produção (formas do passado) e posterioridade do processo, em relação ao momento de produção (formas do futuro).

O autor reconhece o papel específico dos tempos verbais, mas contesta o caráter ao mesmo tempo binário e fisicalista desse tipo de abordagem. O fisicalista se refere às relações temporais estabelecidas apenas entre dois termos, já os tempos binários são definidos como momentos objetiváveis. As relações temporais devem ser consideradas sob três parâmetros: o momento da produção, o momento do processo e o momento psicológico da referência, que são reformulados por Bronckart (2007) como: processo, eixo de referência temporal e duração de produção. Para uma análise dos mecanismos de coesão verbal, há três categorias de parâmetros: os processos verbalizados com suas propriedades aspectuais e sua propriedade temporal; os eixos de referência, podendo ser global ou local, e a duração psicológica associada ao ato de produção.

Com base nisso, Bronckart (2007) propõe também quatro funções de coesão verbal que estão relacionadas aos tipos de discurso: temporalidade primária e secundária; contraste global e local. Na temporalidade primária, distinguem-se localizações de simultaneidade, anterioridade e de posterioridade, associadas ao ato de produção verbal. Além disso, há as localizações neutras de isocronia¹⁷, retroação e projeção, associada a um eixo global de referência temporal. Em francês, a isocronia apresenta-se sob a forma de passado simples¹⁸ ou pelo imperfeito, já a retroativa apresenta-se sob a forma de passado anterior ou pelo mais-que-perfeito¹⁹ e a projetiva é marcada pelo imperfeito perifrástico ou pelo condicional²⁰. Quanto à temporalidade secundária, relaciona-se uma ação a outra ação objeto de uma determinada localização na temporalidade primária. Dois planos de ação, com relação ao contraste global, são distinguidos em: primeiro e segundo planos. Conforme Bronckart (2007) a função de contraste global “consiste em marcar a oposição entre (ao menos) duas séries isotópicas²¹ de processos denotados por sintagmas verbais: uma série de processos colocados em primeiro plano, uma outra (ou outras) série(s), em segundo plano.” (BRONCKART, 2007, p. 290).

Essa função de contraste global, em francês, é marcada no processo de primeiro plano pelo passado simples ou pelo passado anterior, no processo de segundo plano pelo imperfeito ou pelo mais-que-perfeito, tendo esses tempos verbais também valor de temporalidade

¹⁷ Segundo Bronckart (2007), o termo indica a progressão da atividade narrativa que se desenvolve paralelamente à progressão dos acontecimentos da diegese.

¹⁸ Em português, corresponde ao pretérito perfeito.

¹⁹ Em português, esses dois tempos correspondem ao mais-que-perfeito composto.

²⁰ Em português, corresponde ao futuro do pretérito.

²¹ De acordo com Bonini (2007), são laços de sentido que ligam uma categoria a outra no decorrer de um enunciado (texto).

primária. Tal função pode também interagir com as sequências narrativas constituídas geralmente de cinco fases principais: situação inicial, nó, ação/avaliação, desenlace e situação final. Nas fases iniciais e finais, os processos geralmente são postos em segundo plano enquanto nas fases de ações e de desenlace são postas em primeiro plano, caracterizando a fase nó (complicação) por uma oposição entre esses dois planos. Um exemplo retirado de Baltar (2004) ilustra a ocorrência dos tempos verbais na narração.

(03)

[...] **correu** até o bosque e não **encontrou** ninguém. O sol *estava* se pondo, *fazia* frio. Ao longe, *via* a fumaça de uma chaminé acesa. *Era* uma casinha modesta de madeira sem cercas, apenas com algumas árvores ao redor. **Seguiu** em direção do casebre. **Bateu** na porta, **entrou** e **encontrou** sua amiga preparando algo para comer. **Saiu** para buscar mais lenha [...]. (BALTAR, 2004, p. 90).

Destacamos, para efeito de sentido, os tempos do pretérito perfeito e pretérito imperfeito, ambos marcados de maneira diferenciada, para demonstrar o contraste através de formas distintas com relação à progressão temática do texto. O texto avança numa linha vertical, destacado pelos verbos no pretérito perfeito, e numa linha horizontal, expande-se com verbos no pretérito imperfeito. Quanto aos planos, os pretéritos perfeitos estariam no primeiro plano, enquanto os pretéritos imperfeitos estariam no segundo plano. Porém, isso não é regra geral porque existem situações em que a ordem é inversa por está atrelado a outras funções e processos.

Em nossas observações sobre os tempos verbais, que marcam a narrativa, o verbo é um mecanismo que faz progredir o conteúdo temático do texto e também bem como aquele que influencia no desenvolvimento dos acontecimentos e no provável gênero em que está inserido. Além disso, os verbos desempenham um papel importante na construção do tipo discurso narração do mundo do NARRAR, porque compõem a organização linguística do texto narrativo.

6 Metodologia de análise dos dados

Considerando que esta pesquisa apresenta um caráter teórico-prático, utilizamo-nos do método indutivo e dedutivo que foi delineado em um estudo quase-experimental, ou seja, somente um grupo foi escolhido e as atividades foram realizadas pela pesquisadora sem a intervenção do professor regente. A análise ocorreu em uma turma de alunos de 6º ano de uma escola privada, localizada na periferia de Fortaleza, no bairro Henrique Jorge. De acordo com

Gil (1989, p. 75), esse tipo de pesquisa “é constituído por um grupo, geralmente reduzido, previamente definido quanto às suas características fundamentais”. A escolha desse grupo de alunos, em especial de 6º ano, deveu-se à verificação de como o aluno dessa série constrói um texto narrativo. A turma escolhida apresentava alunos na faixa etária entre dez e onze anos, idade esperada para o ingresso desse aluno na série em estudo. No entanto, identificamos dois alunos fora da faixa etária esperada para a série com idades entre doze e quatorze anos.

As produções textuais analisadas, cujo gênero é o conto popular, somam quarenta e dois textos (42) de alunos de 6º ano. Esses alunos foram submetidos a uma primeira produção textual denominada de produção inicial (doravante PI) e, após as oficinas, eles foram submetidos à produção de um segundo texto, denominado produção final (doravante PF), para posterior análise e comparação dos dois momentos de produção textual.

Na PI, os alunos foram estimulados a produzirem o gênero conto popular. Antes dessa PI, eles tiveram contato com esse gênero através da leitura do texto “História de Trancoso”. Em seguida, esse texto foi explorado com uma leitura participada em que os alunos identificaram os seguintes aspectos: os personagens e a temática da história. Além disso, comentaram sobre o que entendiam sobre o gênero conto popular. Para encerrar esse primeiro encontro da oficina, os alunos produziram um texto com uma proposta semelhante a do gênero lido em classe. Na PF, os alunos já haviam participado de todas as oficinas e, para verificar se de fato apropriaram-se do conhecimento adquirido a longo das aulas, incentivamos a produção através da temática “Festa Junina”. O período era propício, porque estávamos no mês dedicado a esses festejos populares.

Durante as oficinas, os alunos produziram outros textos, mas nosso estudo considerou somente a PI e a PF. Vale lembrar que a contagem das produções textuais se fez, de acordo com a presença do aluno em todas as atividades elaboradas no período das oficinas. Nessas condições, as produções de sete alunos não foram analisadas, em decorrência desse fator, pois preferimos considerar, para efeito de análise dos dados da pesquisa, os textos dos alunos cuja presença foi verificada em todas as etapas do processo.

A preparação das oficinas ocorreu durante as aulas, de aproximadamente cem minutos, ou seja, duas aulas geminadas²², organizadas durante três semanas, obedecendo à carga horária das aulas de língua portuguesa (quatro aulas semanais) e de redação (duas aulas semanais), totalizando dezesseis aulas ao final da atividade. Na primeira semana das oficinas, o trabalho foi realizado nas quatro aulas de língua portuguesa, somente nas duas semanas

²² Somente as aulas de redação não foram trabalhadas com aulas geminadas, porque o horário da escola dividia-as em duas aulas de 50 minutos cada uma e em dias diferentes.

seguintes, utilizamos também a carga horária das duas aulas de redação para completarmos o tempo combinado, previamente, com a escola. Nessas oficinas, tomamos como base a Sequência Didática de Schneuwly & Dolz (2004), elaborando atividades que apresentavam a sequência narrativa.

Tendo como ponto de partida a primeira produção, verificou-se que os alunos construíam suas histórias utilizando-se dos tempos verbais direcionados ao narrar, mas não havia consciência do uso desses tempos na construção do texto escrito, demonstrando ser intuitivo. Essa informação foi comprovada através das oficinas quando de fato aprofundamos o estudo dos tempos verbais da narrativa. Para auxiliá-los na compreensão do uso do tempo verbal na narrativa, enveredamos pelo estudo do aspecto do verbo que daria respaldo aos alunos a diferenciarem no texto o uso dos tempos do pretérito perfeito e imperfeito. Nos encontros seguintes, o tempo verbal trabalhado foi o pretérito mais-que-perfeito em sua forma simples e composta. As atividades causaram certa motivação no grupo, mas nessa etapa percebemos que alguns alunos apresentavam dificuldades para compreenderem as diferenças entre os tempos da narrativa, principalmente, quando se tratava do aspecto verbal. O conhecimento desses alunos, até então, concentrara-se no reconhecimento dos tempos verbais, o aspecto verbal mostrou-se uma novidade que suscitou muitas dúvidas. Para contornar a situação, a pesquisadora incentivou-os a continuarem tentando fazer as atividades, parando, em vários momentos, para discutir com a classe e orientando-os para que conseguissem chegar à resposta do que estavam trabalhando na ocasião.

Ao término das três semanas de atividades em sala de aula, selecionamos o *corpus* tendo como primeiro critério a participação dos alunos em todas as etapas das oficinas realizadas nesse período. Material que, posteriormente, foi codificado de acordo com a ordem alfabética de nomes dos alunos, com os seguintes dados: as siglas PI ou PF, as iniciais do nome completo do aluno participante da pesquisa e de um número que segue a ordem crescente conforme os exemplos a seguir: PIAMS01, PIBGA02, sucessivamente.

7 O uso dos tempos verbais das produções iniciais (PI)

O tempo verbal constitui-se uma marca linguística importante na construção da narrativa é, através da escolha de determinados tempos verbais, que os acontecimentos desenvolvem-se. Ao analisarmos as produções iniciais dos alunos, buscamos encontrar marcas do uso dos tempos verbais. Para tanto, respaldamo-nos para essa análise nos estudos de Benveniste (2005), de Adam (2008) e de Bronckart (2007); sendo que os dois últimos têm o

primeiro como referência teórica.

De acordo com Benveniste (2005), o historiador utiliza-se da forma da terceira pessoa do pretérito perfeito para desenvolver a narrativa, tempo verbal denominado de aoristo que constitui o momento do acontecimento. No plano de enunciação histórica, admitem-se os tempos do aoristo, do imperfeito, do mais-que-perfeito e do prospectivo. Também para Adam (2008), que toma por base Benveniste, os tempos que marcam a diegetização autônoma ou enunciação histórica são, preferencialmente, o imperfeito e o pretérito perfeito e seus correspondentes mais-que-perfeito e pretérito perfeito composto. Já em Bronckart (2007), o discurso narração é formado com os tempos verbais do pretérito perfeito e do imperfeito que têm papel específico de marcação de contrastes aspectuais.

A fim de demonstrar isso, observamos que a análise das produções textuais apresentava os tempos verbais do pretérito perfeito e imperfeito como tempo mais relevante na narrativa e a incidência desses tempos foram verificados em dezoito (18) produções. Vejamos na íntegra uma dessas produções que se destacam os tempos verbais de maior incidência no texto – o pretérito perfeito e o imperfeito:

(04) A CINDERELA

[Pn1][e1a] Era uma vez uma menina chamada cinderela. [e1b] Ela **vivia** com sua madrasta e suas duas irmãs, [e1c] elas três **eram** más e **faziam** de cinderela uma criada doméstica.

[Pn2][e2a] No dia seguinte, **chegou** uma mensagem do palácio pra madrasta, [e2b] cinderela **recebeu** e **perguntou** se podia ir e suas irmãs **disseram**:

--- Se você for vai passar vergonha.

--- Você não tem o que vestir.

--- Mas na carta diz: toda moça deve comparecer. Disse a Cinderela!

--- É você tem razão, você pode ir para o baile.

--- Muito obrigado. Disse cinderela.

[Pn3][e3a] No outro dia, cinderela **estava** triste porque não **tinha** o que vesti(r), [e3b] só que quando **viu** seus ratinhos **fizeram** um vestido [e3c] e quando ela **desceu** as suas irmãs **rasgaram** o vestido e cinderela **começou a chorar** [e3d] e **apareceu** uma fada madrinha e **transformou** seu vestido em lindo vestido de baile e cinderela **foi** ao palácio numa linda carruagem.

[Pn4][e4a] Quando a cinderela **chegou** o príncipe a **viu** e eles **começaram a dançar**. [e4b] Mas **deu** doze horas e Cinderela **fugiu**.

[e4c] No dia seguinte, o grantuque **foi** ver qual das meninas da casa **cabia** o sapatinho, mais nenhuma delas **coube** a única que **coube foi** cinderela, [Pn5][e5a] e ela príncipe se **casaram** e **viveram** felizes para sempre. (PITFU20).

Também identificamos a presença do aoristo (pretérito perfeito), e segundo Benveniste (2005), esse tempo verbal assume a função de narrar os acontecimentos por si mesmo. Verificamos ainda a presença de ações dinâmicas na história, no pretérito perfeito, que constituem o primeiro plano da narrativa e o pretérito imperfeito que constitui o segundo plano, ambos os planos denominados por Bronckart de contraste global, que foi verificado nas

dezoito produções textuais. No entender de Bronckart (2007, p. 294), a progressão é que faz avançar a narrativa, interagindo com a sequência narrativa, ou seja, “nas fases iniciais e finais, os processos são quase que, de facto, postos em segundo plano, enquanto as fases de ação e de resolução são quase, de facto, posta em primeiro plano, caracterizando-se a fase de complicação, frequentemente, por uma oposição entre esses dois planos”.

Vejamos o excerto de uma produção textual, em que verificamos o aoristo e o contraste global presente na narrativa através dos verbos destacados. Conforme a citação anterior, esse excerto refere-se às ações da Situação inicial [Pn1] e do Nó [Pn2]. A Situação inicial é marcada com verbos no segundo plano e o Nó com verbos no primeiro plano.

(05)

[Pn1][e1a]Era uma vez um homem que se **chamava** doido trancadão, [e1b] ele se **chamava** assim porque todas as viagens que ele **fazia** com seu cavalo, [e1c] **trancava** o seu cavalo nele e **iam dormir**. (PIJLN08).

(06)

[Pn2][e2a]Um dia o doido trancadão com seu cavalo **fizeram** um viagem, [e2b] Quando **escureceu** ele **trancou** seu cavalo nele e **dormiram**. (PIJLN08).

A narrativa apresenta-se sob a forma de referência temporal isocrônica que desenvolve o processo da diegese numa ordem de sucessão objetiva. Assim diz Bronckart: “os processos são efetivamente apresentados em uma ordem que parece reproduzir a dos acontecimentos da diegese; consideramos, então, que o decorrer do processo narrativo e a ordem de sucessão dos processos se desenvolvem em paralelo.” (BRONCKART, 2007, p. 286).

No decorrer da análise, observamos que algumas das produções apresentavam a localização pertencente ao eixo de referência temporal retroativa e projetiva. Esse eixo de referência, de acordo com Bronckart, consiste em processos apresentados em uma ordem deslocada em relação à diegese. Nas palavras do autor, “ou eles são apresentados como anteriores à fase atual do curso do processo narrativo e, então, são objeto de uma localização retroativa, ou são apresentados como posteriores à fase atual desse processo e, então, são objeto de uma localização projetiva”. (BRONCKART, 2007, p. 287).

A localização retroativa é marcada pelo emprego de verbos no passado anterior ou no mais-que-perfeito, já no projetivo os verbos apresentam-se sob a forma de imperfeito perifrástico ou condicional. Nas produções analisadas, identificamos quatro (04) usos de referência temporal retroativa e doze (12), com referência temporal projetiva. Os excertos, que apresentamos a seguir, correspondem à referência retroativa e à projetiva que estão presentes nas produções textuais analisadas de acordo com a ordem aqui exposta.

(07)

[Pn1][e1a] Um dia numa escola quatro alunos, quase 9h da noite, eles curiosos como era o andar e eles aproveitaram, que os professores **tinham saído** de sala. (PIVHFO21).
(08)

[Pn5][e5a] E as meninas **conseguiram sair** [e5b] e fizeram uma promessa nunca mais **vam passar** pela casa. (PIELSA05).

Apesar de não nos aprofundarmos em outros tempos da narrativa, identificamos o tempo verbal do presente, com uma incidência pequena, apresentando-se apenas em quatro (04) produções textuais, como se pode observar a seguir nos excertos retirados dos originais. No primeiro excerto, pudemos observar que o tempo verbal parece ser um “deslize” do aluno no momento da produção, porque no decorrer do texto prevalece o pretérito perfeito e, pela análise, compreendemos que ele ao escrever no tempo verbal presente tinha a intenção de narrar no pretérito perfeito. No segundo excerto, ao contrário, foi intencional, pois se apresenta na voz do narrador, demonstrando uma interação entre narrador e leitor, esse trecho reforça o já dito em [Pn1]. No terceiro excerto, sob a forma do discurso indireto livre, o texto é narrado em primeira pessoa e há a presença do tempo verbal presente em meio a outros do pretérito perfeito como uma voz da personagem no momento da enunciação. No quarto excerto, observamos que o presente é utilizado para introduzir a sequência narrativa seguinte. Vejamos a seguir:

(09)

[Pn3][e3a] ai **sai** um roceiro montado no burro. (PIEGP04).

(10)

[Pn2][e2a] Por isso ela **vive** só a procura de um companheiro para ela. (PIMMS12).

(11)

[e3f] Quando fui jogar no campo e vi ela dinovo lá, então tive uma idéia de chamar meus treinados para falar com ela e **convida**-lá para jogar com a gente no campo. (PIPITAP19).

(12)

[Pn2][e2a] As meninas aceitaram, [e2b] mas sem saber o resto da lenda, [e2c] e o resto é que: [Pn1][e1a] Era uma menina morreu [...]. (PIELSA05).

Outros verbos foram identificados por apresentarem um caráter de ações estáticas, presentes em cinco (05) produções analisadas. Em uma produção, essas ações estáticas apresentaram-se em construções com contraste global, compondo o segundo plano nos textos analisados, conforme observamos no excerto a seguir.

(13)

[Pn1][e1a] Era uma vez um garotão que **era** podre de rico [e1b] mais **era** muito solitário ninguém queria ser seu amigo [Pn2][e2a] mas um dia Ele amdamdo Ele **emcontrou** um menino. (PIDRH03).

Observamos que as demais produções com a incidência de ações estáticas faziam parte

do desenvolvimento da diegese, apresentando-se nas formas dos verbos SER e ESTAR nas produções analisadas. Além disso, observamos que há uma tentativa, no decorrer dos textos, de o aluno utilizar-se dos tempos verbais da narrativa. Em algumas situações, conforme observado anteriormente, o tempo verbal foi empregado adequadamente na narrativa, prevalecendo os tempos do pretérito perfeito e do pretérito imperfeito, em outras, o aluno equivoca-se quanto ao uso. Acreditamos que a intervenção do professor, nesse momento, pode auxiliar na reestruturação do conhecimento intuitivo que cada aluno tem acerca da escolha dos tempos verbais adequados à narrativa.

8 O uso dos tempos verbais das produções finais (PF)

Durante a realização das oficinas, os alunos foram orientados acerca da importância do tempo verbal na narrativa, em uma das etapas, desenvolvemos atividades que se voltavam para o aspecto verbal. Na análise, observamos a incidência dos tempos do pretérito perfeito e imperfeito em dezessete (17) produções textuais. Ao escrever gêneros do narrar, espera-se que sejam usados esses tempos verbais, destacamos que já havia um conhecimento prévio acerca desse assunto que contribuiu para a produção final.

Também identificamos o pretérito perfeito na terceira pessoa que demonstra a presença do aoristo, a incidência ocorreu em dezesseis (16) produções analisadas, apenas uma (01) apresentou verbos na primeira pessoa. Além disso, essas produções apresentaram a referência temporal isocrônica, que contribui para o desenvolvimento da narrativa. Identificamos também nas produções analisadas a presença do primeiro plano com verbos no pretérito perfeito e do segundo plano no pretérito imperfeito, que marcam o contraste global no texto e contribui conforme, já dito, para o desenvolvimento da diegese no texto.

Além disso, foi possível observar que a localização pertencente ao eixo de referência temporal retroativa teve incidência em quatro (04) produções textuais (PFLMR11, PFMMS12, PFMVL14, PFVHFO21). Além disso, tempos verbais que apresentavam localização pertencente ao eixo de referência temporal projetiva apresentaram incidência em oito (08) produções textuais²³ (PFDRH03, PFKFA10, PFMSH13, PFMVL14, PFMALG15, PFTAP19, PFTUF20, PFVHFO21), apenas uma (01) apareceu em um texto com outro tipo de sequência seguido de *script*. Observemos três excertos das produções textuais com referência

²³ Enfatizamos que, se comparada à primeira produção, esses números são menores dado ao fato de que essas produções, em sua grande maioria, foram do gênero do narrar diferente da segunda produção que apresentou textos com outras sequências textuais alterando o resultado final.

temporal retroativa, com um pretérito imperfeito perifrástico, e a referência temporal projetiva, com o tempo verbal no pretérito imperfeito perifrástico e no condicional, retirados de uma das produções textuais do gênero do narrar.

(14)

Crianças muito curiosas, queriam observar esse lugar, esse cimiterio **era abandonado** não era visitado por parentes. (PFVHFO21).

(15)

[e1f] e se eles estivessem presso o curupira **ia** lá **temtar** salvar Ele. (PFDRH03).

(16)

[Pn3][e3a] Chorou e jurou que **irria** sim vingar de todos que matam ou machuquem os animais. (PFMSH13).

De acordo com Bronckart (2007, p. 287), “a localização retroativa é marcada, por sua vez, ou pelo emprego do passado anterior²⁴, ou pelo do mais-que-perfeito”. Sob essas condições, entendemos que o excerto (14) encontra-se nessa classificação temporal, porque marca um fato ocorrido anteriormente em relação aos fatos da narrativa, a construção, seguida do verbo *ser* mais participio, é sintática com voz passiva, convencionalmente, os pretéritos mais-que-perfeitos são estruturados com verbo auxiliar *ter* ou *haver*. Compreendemos, no entanto, que esse excerto em seu sentido lógico indica para o leitor um passado anterior a outro passado mesmo não estando, necessariamente, nos padrões convencionais. Nos demais excertos, segue a classificação de acordo com a denominação dada por Bronckart.

No decorrer da análise, identificamos o presente como tempo verbal que apresentou incidência em nove (09) produções textuais. Esse tempo não apresentou sentido de presente histórico conforme Benveniste (2005), mas tão-somente em situações que se apresentam outras sequências ou apenas como equívocos considerados por nós como desvios. Observemos o excerto seguinte com uma dessas situações. O presente nessa produção apresenta-se como um desvio, porque, no decorrer do texto, prevalece o pretérito e o tempo do presente aparece sem, necessariamente, indicar situação de presente histórico ou de tempo presente do enunciado, equivale a “tinha” ou “estava havendo”.

(17)

[Pn2][e2a] E no seu colégio ia ter festa junina, **[e2b]** como ela gostava muito, ela ia dança só que tem um problema, não **tem** menino para dançar **[e2c]**e ela ficou muito triste... (PFMATO06).

Acerca da categoria tempos verbais, identificamos verbos estáticos em duas (02) produções textuais (PFJLN08, PFMMMS12) e um (01) verbo no imperativo (PFPBTCF17) que não correspondem a sequência analisada na pesquisa. Percebemos nessas produções

²⁴ Corresponde em português ao pretérito mais-que-perfeito composto.

sequências de outro tipo que, apesar de não fazerem parte da análise, não descaracterizaram de todo os textos do gênero do narrar. Já a produção que apresentou verbo no imperativo foi classificada como uma narrativa de baixo grau de narrativização, apresentando outra sequência que não corresponde ao objetivo de nossa pesquisa.

9 À guisa de conclusão

Os tempos verbais do pretérito perfeito e imperfeito nas narrativas estudadas – o que já era esperado – ocorreram em maior incidência. Verificamos dezoito (18) nas produções iniciais e dezessete (17) nas produções finais. Nessas produções finais, houve a incidência em dezesseis (16) produções com verbos na terceira pessoa que são denominados, segundo Benveniste, de aoristo. Em ambos os momentos de produção textual, identificamos o contraste global que contribui para desenvolver a diegese. No que diz respeito à referência temporal, percebemos que se apresentaram quatro (04) produções textuais, em ambos os momentos, com a referência temporal retroativa. No que tange à referência temporal projetiva, observamos na primeira produção textual a incidência em doze (12) e, na produção final, apenas em oito (08).

O tempo presente não foi usado como tempo histórico na narrativa, esse tempo apresentou usos inadequados e desvios no que se refere à presença dele no gênero em análise. Na primeira produção, alguns verbos estáticos apresentaram cinco (05) incidências; já na segunda produção, essa quantidade não foi relevante com a incidência de apenas dois (02) verbos estáticos. Constatamos que os alunos fazem uso dos tempos verbais da narrativa, mas, em meio a esses verbos, há também a presença de outros tempos verbais não necessariamente narrativos. Verificamos, ainda, que o aluno comete alguns desvios na escolha do verbo adequado ao gênero, isso nos levou a observar que eles trocam os tempos verbais ora por confundirem-se, no momento da produção escrita, ora por desconhecem como usá-los em gêneros de natureza narrativa. A intervenção do professor no momento da reescrita da produção, como se propõe na sequência didática, auxilia o aluno a se apropriar desse conhecimento e compreender como esses tempos devem aparecer no texto.

Referências

- ADAM, J.-M.; REVAZ, F. **A análise da narrativa**. Tradução Maria Adelaide Coelho da Silva e Maria de Fátima Aguiar. Lisboa: Gradiva, 1997.
- ADAM, J.-M. **A linguística textual**: introdução à análise textual dos discursos. Tradução Maria das Graças Soares Rodrigues et al. São Paulo: Cortez, 2008.
- BALTAR, M. **Competência discursiva e gêneros textuais**: uma experiência com o jornal de sala de aula. Caxias do Sul – RS: Educs, 2004. p. 43-94.
- BENVENISTE, E. As relações de tempo no verbo francês. In: **Problemas de linguística geral I**. Tradução Maria Glória Novak e Maria Luisa Neri. 5. ed. Campinas – SP: Pontes, 2005. p. 260-276.
- BONINI, A. A noção de sequência textual na análise pragmático-textual de Jean- Michel Adam. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). **Gêneros**: teorias, métodos, debates. 2 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p. 208-236.
- BRONCKART, J.-P. **Atividade de linguagem, textos e discursos**: por um interacionismo sociodiscursivo. Tradução de Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 2007.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1989.
- MIRANDA, F. Os tipos de discurso em debate. In: GUIMARÃES, A. M. de M.; MACHADO, A. R.; COUTINHO, A. (Org.). **O interacionismo sociodiscursivo**: questões epistemológicas e metodológicas. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008. p. 161-166.
- SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução Roxane Rojo, Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.
- WEINRICH, H. **Estructura y función de los tiempos en lenguaje**. Madrid: Gredos, 1968.

Data de recebimento: 26 de abril de 2012.

Data de aceite: 17 de junho de 2012.